



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de  
gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos**

## **AS MINAS E O HIP-HOP: PROTAGONISMO FEMININO NO ÂMBITO CULTURAL**

**LUANA DA SILVA SANTOS<sup>1</sup>**

**ANDREA ALICE RODRIGUES SILVA<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este estudo é fruto do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que analisa a importância feminina no movimento Hip-Hop e seus desafios, por meio de metodologia baseada em estudo de caso e entrevistas com artistas do Hip-Hop em Cachoeira-Ba. Ao concluir esta pesquisa, torna-se evidente que a representatividade e atuação das mulheres no Hip-Hop são fundamentais para superação dos desafios, inclusão social e conquistas das mesmas.

**Palavras chaves:** Hip-Hop; Desigualdade gênero; Representatividade feminina; Expressões culturais e de resistência.

### **ABSTRACTS**

This study is the result of my Course Completion Work (TCC) that analyzes the importance of women in the Hip-Hop movement and its challenges, through a methodology based on case studies and interviews with Hip-Hop artists in Cachoeira-Ba. Upon concluding this research, it becomes evident that the representation and performance of women in Hip-Hop are fundamental to overcoming challenges, social inclusion and their achievements.

**Keywords:** Hip-Hop; Gender inequality; Female representation; Cultural expressions and resistance.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

<sup>2</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## 1. INTRODUÇÃO

O Hip-Hop se configura como um movimento cultural que tem conquistado a atenção e a adesão dos jovens, em especial aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social. Relegados à margem da sociedade, esses jovens encontram no Hip-Hop uma forma de buscar uma ideologia de vida e expressar suas realidades. Em meio às adversidades que enfrentam, como violência e envolvimento com drogas, eles veem nessa cultura uma maneira de resgate social, onde podem canalizar suas experiências por meio da arte e politizar suas necessidades, lutando contra as opressões que permeiam a sociedade. O Hip-Hop, portanto, desponta como um movimento que abraça os excluídos, proporcionando-lhes espaço e voz para promover mudanças sociais.

O movimento Hip-Hop teve início no bairro do Bronx, em Nova York, na década de 1970 (FELIX, 2005), como uma resposta às tensões e à violência que assolavam a região. Através da prática da dança, como o *breakdance*, e da música com o surgimento do *rap*, o Hip-Hop se consolidou como uma forma de expressão e lazer para os jovens das gangues locais. Essas atividades se mostraram tão unificadoras e cativantes que ultrapassaram os limites do bairro e tornaram-se uma poderosa ferramenta cultural e social, espalhando-se de forma veloz por outras comunidades e influenciando a cena musical ao redor do mundo.

Embora o Hip-Hop seja reconhecido como um movimento cultural e de resistência que busca incluir os excluídos, é importante reconhecer que, como em tantas outras esferas sociais, também existem desigualdades de gênero presentes nesse cenário. Infelizmente, é perceptível a ausência significativa de mulheres representando esse movimento, o que evidencia a presença persistente do patriarcado e do machismo em nossa sociedade. Essa falta de representatividade feminina no Hip-Hop é uma questão que precisa ser abordada e combatida, promovendo a igualdade de oportunidades e dando visibilidade às vozes femininas nesse meio.

Diante desse contexto, este trabalho tem como propósito responder ao seguinte questionamento: como se dá a inserção e atuação feminina no Hip-Hop e quais os desafios para a sua inserção? O objetivo geral é compreender a importância da presença e representatividade feminina nesse movimento cultural e de resistência. De forma mais específica, são explorados a



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

origem da cultura Hip-Hop, seus elementos característicos, a inserção e a relevância das mulheres nesses espaços como uma possível ferramenta de emancipação feminina, bem como os obstáculos enfrentados no movimento. A desigualdade de gênero é uma questão sobre a desvalorização de um grupo dado como inferior por conta do seu gênero, por sua vez, o gênero por é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos feminino e masculino, o que gera relação de poder do gênero dominante (SCOTT, 1995). Essa desigualdade está enraizada em nossa sociedade, e infelizmente as pessoas reproduzem esses tipos de preconceito devido à estrutura patriarcal que perdura há séculos. O patriarcado está ligado ao poder e autoridade conferidos à figura paterna na família, resultando em um controle e liderança que colocam as mulheres em uma posição de minoria e insignificância em todos os aspectos sociais.

Esta pesquisa é resultado parcial do meu TCC, da minha graduação em Serviço Social, e a intenção desta investigação é destacar a importância da luta pela igualdade de gênero para a plena participação das mulheres no âmbito sociocultural, contribuindo para a construção de identidades e autonomia na sociedade. Uma sociedade poderosa é aquela onde as mulheres podem desfrutar de seus direitos como cidadãs sem ter que lutar por eles constantemente. Isso inclui o direito de atuar e se expressar livremente no Hip-Hop, escolhendo como construir sua identidade dentro dessa cultura. As mulheres devem ter a liberdade de subir ao palco como MC, exibirem seu talento na dança, no grafite, como DJs ou em qualquer outro elemento do Hip-Hop.

Para idealizar esse trabalho, foi necessário realizar um estudo mais detalhado sobre a inserção da mulher no Hip-Hop, por meio de pesquisas de campo. Foi preciso identificar os desafios enfrentados pelas mulheres no seu dia a dia para se manterem nesse movimento de expressão artística, bem como destacar a importância de sua presença nesses espaços. A pesquisa de campo permite uma análise mais aprofundada das vivências das mulheres no Hip-Hop, fornecendo dados e relatos concretos que embasaram o trabalho.

Nessa perspectiva, o estudo de caso propõe uma pesquisa com abordagem qualitativa, baseada em estudos bibliográficos e pesquisa de campo. Para isso, foram realizadas entrevistas na cidade de Cachoeira-Ba<sup>3</sup>, localizada no recôncavo baiano, no período de 12 de julho de 2023 a

<sup>3</sup> De acordo com o site Guia do Turismo Brasil (s.a), Cachoeira-Ba é uma cidade baiana situada às margens do Rio Paraguaçu e que mais preservou a sua identidade cultural e histórica, o que a faz um dos principais roteiros turísticos históricos do estado. A cidade foi fundada em 1531 e se emancipou em 13 de março 1837, é localizada a cerca de 130 km da capital do estado, Salvador, e recebe o status de “Cidade Monumento Nacional” por abrigar o estilo barroco das suas igrejas e museus.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

28 de julho de 2023. As entrevistas foram conduzidas tanto de forma presencial quanto por meio remoto, permitindo uma abrangência maior de participantes e a coleta de dados relevantes para a pesquisa. O entrevistados aqui serão tratados como Hip-Hoppers, por fazerem parte da cultura Hip-Hop. Essa abordagem mista de pesquisa busca proporcionar uma compreensão aprofundada da inserção da mulher no Hip-Hop, considerando as vivências, desafios e perspectivas dessas mulheres.

A continuação deste estudo, se dar atualmente no mestrado em Políticas Sociais e Territórios-POSTERR, destacando a dedicação à pesquisa das políticas públicas no Recôncavo Baiano. O foco está na análise do impacto dessas políticas na inclusão e na permanência das mulheres no movimento cultural do Hip-Hop. Este referido estudo evidencia o aprofundamento do tema, possibilitando uma investigação mais minuciosa das relações entre gênero, políticas sociais e manifestações culturais. Essa trajetória acadêmica reforça a importância de compreender a dinâmica dessas políticas e sua influência na promoção da equidade de gênero e na valorização da diversidade cultural.

Esta discussão sobre a inserção e atuação feminina no movimento do Hip-Hop, principalmente no Serviço Social, ganha relevância ao evidenciar as interseccionalidades de gênero, raça e classe presentes nesse contexto. Diante disso, a compreensão dos desafios enfrentados pelas mulheres no Hip-Hop amplia tanto a reflexão sobre a igualdade de gênero, quanto que contribui para a atuação profissional dos assistentes sociais na promoção da equidade e na defesa dos direitos das mulheres em diferentes meios sociais. A partir desse diálogo, é possível pensar e desenvolver estratégias e intervenções que considerem a diversidade de experiências e realidades das mulheres no âmbito cultural do Hip-Hop, fortalecendo assim o compromisso ético e político da profissão em relação à promoção da justiça social e da igualdade de oportunidades para todos.

## **2. AS MINAS DO HIP-HOP: DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NO PROCESSO DE INSERÇÃO E ATUAÇÃO NO HIP-HOP**

As entrevistas revelaram que, apesar dos avanços femininos ao longo da história, ainda persistem muitos desafios para as mulheres no Hip-Hop. Muitas delas enfrentam barreiras de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

preconceito e discriminação, sendo constantemente subestimadas e marginalizadas no cenário musical. No entanto, também foi possível identificar um movimento de resistência e empoderamento feminino dentro da cultura, com mulheres que estão se destacando como artistas, produtoras e ativistas. Essas mulheres estão quebrando estereótipos e reivindicando seu espaço, provando que o gênero não deve limitar suas habilidades e talentos.

Com relação às vivências das mulheres dentro do Hip-Hop, foi proferido um questionamento aos entrevistados(as), de como eles(a) percebem a mulher no Hip-Hop, em questão de oportunidades, como também a visibilidade em termos de valorização e remuneração, as respostas foram variadas, mas voltadas para um mesmo sentido de conjuntos de dificuldades que as mulheres enfrentam no dia a dia, tendo como exemplo, a questão da baixa participação e a desvalorização da mulher na cultura, por ser um movimento considerado masculinizado.

As mulheres no Hip-Hop enfrentam uma dupla jornada, equilibrando a busca por renda com as responsabilidades domésticas e outras atividades. Essas demandas adicionais podem limitar o tempo e a energia que elas têm disponíveis para se dedicarem integralmente à produção cultural, limitando assim suas oportunidades de crescimento e estabilidade financeira dentro do movimento.

Acerca das dificuldades de atuação no movimento cultural, a oitava entrevistada destaca que para ela, uma das maiores dificuldades de atuação no movimento Hip-Hop é a questão da falta de políticas públicas para financiar os projetos:

O maior desafio foi o fato de criar um projeto de dança dentro do interior da Bahia com pouca acessibilidade de informações e dificuldade de financiamento de apoio, políticas públicas, então acho que foi o que mais dificultou no desenvolvimento do projeto ao longo desses anos. (HIP HOPPER 8, feminino, 30 anos, negra, candomblecista)

Ao trazer à tona as questões que enfrenta como mulher no movimento Hip-Hop, a entrevistada contribui para aprofundar o diálogo sobre as questões de gênero e cultura. Essas discussões são extremamente relevantes, pois revelam as desigualdades existentes na indústria e ressaltam a importância de promover a equidade e o empoderamento feminino dentro desse contexto. Dessa forma:

Por ser mulher também, a gente enfrenta alguns desafios, essa coisa da inclusão da mulher dentro do Hip-Hop está acontecendo agora, mas a questão de ser mulher dentro do movimento também foi uma das coisas que dificultou um pouco. Acho que além das políticas públicas essa questão de tá no interior e ser uma mulher liderança de uma instituição acho que foi um dos fatores que foi dificultando, mas com essa nova abertura foi



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

dando melhor dimensão, as coisas foram melhorando aos pouquinhos, e hoje a gente consegue ter mais diálogo e ter mais abertura. (HIP HOPPER 8, feminino, 30 anos, negra, candomblecista)

Esse déficit de investimentos por parte das instâncias governamentais impede que esses artistas tenham acesso a recursos financeiros e estruturais para viabilizar seus projetos. Isso impacta diretamente na qualidade e diversidade da produção artística, perpetuando assim a exclusão e a marginalização dessas vozes importantes na sociedade.

O quarto entrevistado discute com essa questão da limitação das mulheres nesses espaços, como também em vários outros campos e ainda ressalta que entende que as mulheres sempre esteve presentes no movimento, de maneira mais oculta e não como uma participante ativa dominando os elementos cultural. Sendo assim:

Para além de tudo que eu acho que o corpo feminino sempre esteve presente, mas sempre parecendo nessa estética corpórea tá ligada? E não como uma pessoa que pode ser também MC, DJ, então eu acho que a gente estamos falando de dois aspectos dessa exclusão dentro da cultura, mas que tem mulher, existe! Mas ainda existe uma força contrária, não sei porquê, e dentro da indústria, é só você pegar os 20 mc's mais ricos do Brasil e nenhum deles vai ser uma mulher, então isso já diz tudo. (HIP HOPPER 4, masculino, 28 anos, negro, candomblecista)

A desigualdade de gênero é uma realidade presente em todas as esferas da sociedade e, infelizmente, o Hip-Hop não escapa dessa problemática. Embora o Hip-Hop, em sua essência, seja um movimento de resistência contra várias formas de opressão e preconceito, o machismo persiste como uma questão enraizada em nossa sociedade desde os primórdios. Isso leva a reprodução desses preconceitos por parte da maioria das pessoas, inclusive mulheres, que são socializadas desde cedo a acreditar que existem espaços que são exclusivamente masculinos e que as mulheres só podem ocupar espaços secundários.

No entanto, é importante destacar que muitas mulheres estão desafiando essas ideias e lutando para reivindicar seu lugar no Hip-Hop. Elas estão se empoderando, quebrando padrões de gênero e mostrando que não há limites para o talento e a criatividade feminina nesse movimento cultural. A transformação é gradual, mas cada vez mais mulheres estão se destacando como artistas, DJs, MCs, dançarinas e produtoras, reescrevendo a narrativa do Hip-Hop e abrindo caminho para futuras gerações de mulheres.

Os indivíduos que têm esperança de uma mudança no cenário machista não podem negar a existência da desigualdade de gênero, pois é uma realidade evidente e necessária de ser enfrentada. Essas características discriminatórias estão claramente presentes na sociedade,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

especialmente nas indústrias e mídias, onde podemos observar números alarmantes que muitas vezes passam despercebidos, mas revelam de forma contundente a desvalorização das mulheres. Em razão disso, o quinto entrevistado relata:

Sim, eu enxergo assim pelos números, por mais que a gente não se apega muito a números, mas os números também falam. Em um som de uma mulher que a mulher 'brocou' véi, quebrou na ideia, um exemplo, tem lá 20 mil visualizações, e o cara veio e falou um bocado de merda, '20 milhões...', tá ligada? De 20 mil para 20 milhões a diferença, tipo isso. Nos eventos também, as minas são menos contratadas, eu não posso dizer porque eu nunca pesquisei, mas com certeza ganham menos. (HIP HOPPER 5, masculino, 30 anos, negro, sem religião)

Esses exemplos ilustram claramente como a visibilidade e o reconhecimento na mídia são concedidos de acordo com quem está representando, com uma clara elevação dos homens, principalmente os homens brancos. Isso ocorre independentemente da qualidade do conteúdo que estão produzindo. Se a qualidade realmente fosse considerada, as mulheres certamente não ficariam em uma posição inferior aos homens.

A sétima entrevistada diz que existe sim essa desigualdade entre homens e mulheres dentro do Hip-Hop, ela expõe esses fatos especificamente dentro do grafite quando diz:

A desigualdade existe. Se tem um evento por exemplo de grafite, sempre vão lembrar primeiro de chamar o homem, ou as vezes ele por ter mais experiência ou ter a técnica do desenho, não sei qual é o critério, mas quase sempre tem homens ocupando, não é porque não tem mulher fazendo. Às vezes é só pra falar que teve uma mulher, aí coloca uma ou duas... (HIP HOPPER 7, feminino, 29 anos, branca, candomblecista)

A entrevistada ressalta que é mais comum e fácil para as pessoas terem uma referência masculina em mente quando se trata de convidar alguém para representar eventos ou concorrer a premiações. A tendência de privilegiar os homens nessas oportunidades é um reflexo do viés de gênero existente na sociedade e na indústria. As mulheres muitas vezes são deixadas em segundo plano, precisando lutar para serem consideradas e reconhecidas por seu talento e contribuições. Diante disso ela expõe: "eu acredito que isso é em qualquer área né, pra mulher está presente ela tem que bater o pé e falar 'eu sei fazer', porque parece que as pessoas ficam duvidando que a gente é capaz de fazer alguma coisa." (HIP HOPPER 7, feminino, 29 anos, branca, candomblecista)

Na nossa sociedade, as mulheres frequentemente se deparam com argumentos que colocam em dúvida suas capacidades e insultam seu potencial. É comum ouvir pessoas dizendo



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

que as mulheres não têm a capacidade intelectual para produzir conteúdo significativos e contribuir para a cultura.

No tocante aos avanços das mulheres no Hip-Hop as autoras Menezes (2015) e Siqueira (2020) dialogam que a expansão da internet foi de grande valor para que as mulheres possam usar com meio de estratégia para ganhar visibilidade divulgando seus trabalhos. Diante disso, o quarto entrevistado destaca a importância das redes sociais como uma ferramenta crucial para a valorização das produções femininas no Hip-Hop:

Mudou bastante, a internet deu uma acessibilidade da pessoa de construir subjetividades e entregar essas subjetividades diferentes das formas de antigamente, continua a indústria sendo quem opera essa parada toda, mas hoje a gente tem outros meios, meios de comunicação que a gente pode expandir o nosso trabalho, nosso som e eu acho que a estética feminina no Hip-Hop já está bem inserida. Eu acho que essa geração da representatividade, a indústria captou isso muito bem, então eu acho que hoje é menos esses processos de masculinização da estética pelo menos das indivíduos para participar da parada, se cabe e se existe eu acho que parte muito mais delas do que de uma imposição, não precisa ser um padrão. (HIP HOPPER 4, masculino, 28 anos, negro, candomblecista)

É interessante observar como a percepção da estética feminina dentro da cultura Hip-Hop evoluiu ao longo do tempo. Anteriormente, muitas mulheres sentiam-se pressionadas a adotar uma estética mais masculina como uma forma de serem aceitas e se encaixarem na cultura do Hip-Hop. Isso era visto como uma imposição, sendo necessário seguir padrões estabelecidos pelos homens predominantes na indústria.

No entanto, atualmente, essa percepção mudou e a valorização da estética feminina dentro do Hip-Hop se tornou uma questão de escolha e autenticidade pessoal:

Antigamente as mulheres tinham que usar roupa igual a nós, né, roupa larga, boot grandão 'ah, eu calço 35' 'bote um boot 37-40 pra dizer que você é a braba!' ta ligada? Mas hoje em dia não, a mulher pode ir como ela quer, pro show de rap, pode cantar, antigamente era bem pouca mina cantando, mas hoje em dia ta melhorando." " Se a mina vestir uma roupa folgada, se ela vestir um boot grandão é porque ela quer tá ligado, mas não cabe mais isso não, dizer: 'Luana tem que ir igual a nós'. (HIP HOPPER 5, masculino, 30 anos, negro, sem religião)

De acordo com o quinto entrevistado, embora essa questão tenha passado por algumas mudanças, é necessário promover transformações ainda mais significativas. Segundo ele, as mudanças atuais são pouco expressivas, como se fossem apenas pequenos passos, porém, acredita firmemente que é o caminho correto para alcançar a evolução desejada.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Nessa mesma lógica de reflexões, a oitava entrevistada diz que “Antes para as mulheres serem aceitas dentro das rodas de *breaks* tinham que usar calças largas, usar *cap*, ficar na pegada mais masculina, pra os caras olhar de igual pra igual.” Ela ainda pronuncia que apesar de esse modo de agir marcar por muito tempo no movimento Hip-Hop, “Hoje as mulheres tem uma luta de que elas podem sim trabalhar seu lado feminino e que isso não tira nenhum mérito do potencial que elas têm.” É evidente que existem mulheres que optam por usar roupas mais soltas, assim como a entrevistada mencionada. No entanto, nos dias de hoje, a vestimenta é uma questão de preferência individual, ou seja, está mais relacionada à forma como cada pessoa se sente bem consigo mesma e expressa sua personalidade “Eu particularmente quando tô dançando *break* eu gosto de dançar com a calça mais folgada, com a blusa mais solta pra facilitar a questão da movimentação, mas também as vezes eu gosto de usar uma *leg*, um *short*...” (HIP HOPPER 8, feminino, 30 anos, negra, candomblecista)

Observa-se, dessa forma, que esse é um debate muito importante, pois, mostra que as mulheres estão lutando para ter o poder de mostrar sua feminilidade, e entende que isso não tem nada a ver com a questão do potencial, não é mais preciso que elas apresentem um perfil masculinizado para se mostrarem potentes ou capazes de fazerem alguma coisa dentro dessa cultura. Não cabe mais essa imposição estética nesse cenário sociocultural.

As mulheres enfrentam diversos desafios presentes no cotidiano do Hip-Hop, entretanto, vimos que de certa forma as mulheres estão progredindo dentro do Hip-Hop, essas pequenas conquistas são de grande valia para esse processo de luta contra a desigualdade de gênero dentro da cultura. Os avanços na estética refletem a presença e participação do público feminino nesses espaços, demonstrando que as mulheres têm o poder de liderar e representar a cultura Hip-Hop, assim como qualquer pessoa de outro gênero. Além disso, esses avanços também asseguram a liberdade de expressão em todas as suas formas, permitindo que cada mulher faça escolhas estéticas de acordo com sua própria preferência e identidade.

A internet tem desempenhado um papel fundamental como uma ferramenta de divulgação e visibilidade do trabalho das mulheres, contribuindo significativamente para sua autonomia e emancipação dentro da cultura Hip-Hop. Através das redes sociais, as mulheres têm uma maior independência para produzir e promover seus trabalhos com facilidade.

## 2.1 Preconceito e discriminação contra a mulher dentro do Hip-Hop

Durante as entrevistas, foi levantada a questão sobre a presença de discriminação contra as mulheres no Hip-Hop. De acordo com os dados apresentados no gráfico 6, todos os(as) 9 entrevistados(as) concordaram com essa afirmação e mencionaram ter ouvido relatos que comprovam a existência de preconceito contra as mulheres, e é representado no gráfico como um total de 100%. Desse todo, aproximadamente 45% dos(as) entrevistados(as) disseram ter presenciado diretamente algum tipo de discriminação contra as mulheres dentro do movimento, enquanto cerca de 55% nunca presenciou algum tipo de discriminação.

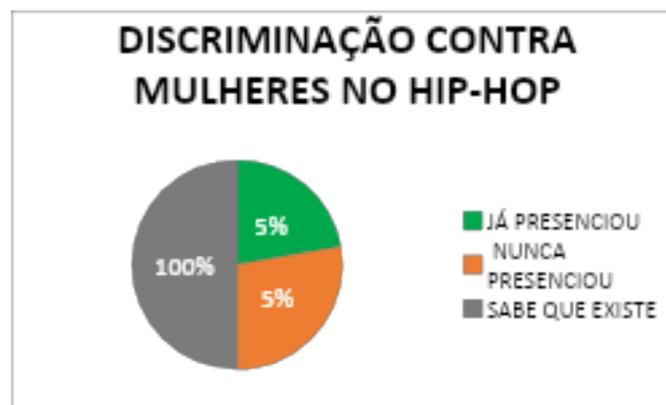


Gráfico 1- Discriminações contra mulheres no Hip-Hop

Fonte [primária]: Pesquisa realizada pela autora. 2023.

O quarto entrevistado (HIP HOPPER 4, masculino, 28 anos, negro, candomblecista) ilustra a presença de opressões diretas e indiretas ao mencionar que nos bailes da cidade apenas uma mulher é chamada para cantar na maioria dos eventos, embora haja outras mulheres que também cantam rap ou estão envolvidas com o movimento Hip-Hop em Cachoeira-Ba. Isso evidencia a seletividade e exclusão que ocorrem, negando oportunidades para outras mulheres e afastando-as cada vez mais da cultura.

Na visão do quinto entrevistado, é incontestável que as mulheres enfrentam discriminação no meio do Hip-Hop, visto que a maioria dos homens presumem e subestimam a capacidade das



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

mulheres. Por exemplo, o entrevistado aponta que falta muito respeito em eventos de batalhas em relação às mulheres:

O cara já chega esculachando, as vezes fala das partes íntimas das minas e pá, essas paradas, entendeu? Muitas vezes falta respeito. Eu tava organizando esse dia uma batalha e aí o cara falou dos seios da menina, então foi um desrespeito e depois deu um bafafá grandão aí, porque ele falou da parte íntima e a menina não gostou, a galera que tava lá também não gostou e é isso... (HIP HOPPER 5, masculino, 30 anos, negro, sem religião)

O mundo do Hip-Hop ainda é permeado por desafios e preconceitos enfrentados pelas mulheres. Existe uma tendência de desvalorização e inferiorização da mulher nesse contexto, com a ideia de que o Hip-Hop é um espaço exclusivo para os homens. Essa visão discriminatória se manifesta através de discursos ofensivos e ridicularização das mulheres dentro da cultura.

Dentro das batalhas de rimas acontecem um duelo entre duas pessoas ou mais, onde os participantes vão fazendo rimas improvisadas enquanto os beats tocam (fundo musical; batida usada pelos rappers/mcs). Embora sejam uma forma de manifestação artística e de demonstrar habilidade lírica, é importante refletir sobre os limites éticos dessas batalhas. Muitas vezes, a competição acirrada leva os participantes a insultarem e destruírem verbalmente seus adversários, o que acaba perpetuando a discriminação, intolerância e preconceitos presentes na sociedade.

O gesto de apertar as mãos ao final da batalha de rimas pode representar um sinal de respeito e reconhecimento das habilidades artísticas dos participantes. No entanto, é importante reconhecer que esse ato não anula os efeitos das palavras proferidas durante o duelo. Embora a intenção seja de encarar as rimas como brincadeira, muitas vezes elas reproduzem preconceitos e perpetuam questões que vão contra os princípios do Hip-Hop, que busca erradicar opressões e promover igualdade.

A sétima entrevista reforça o fato de que, mesmo sendo talentosas e dedicadas, as mulheres são frequentemente subestimadas e suas habilidades questionadas dentro desse cenário:

E eu já passei por isso dentro do grafite, de tá em um rolê e eu era a única menina pra grafitar e eu falei 'pow, eu posso usar esse pedaço de parede aqui?' e nem era uma parede grande, o cara tava tipo com uns 10 metros de parede e eu pedi um pedacinho e ele vem falar 'ah, mas você sabe fazer?' eu fiquei assim, 'mas se eu to pedindo é porque eu sei'. Então até pra gente chegar a uma certa remuneração demora, a gente tem que provar que a gente tem um conteúdo de qualidade pra poder produzir tal coisa ou então gritar mais alto pra falar que a gente sabe fazer, pra poder ser ouvida dentro de uma reunião, de poder tá a

frente de um grupo de Hip-Hop sabendo que a maioria é masculina, é difícil. (HIP HOPPER 7, feminino, 29 anos, branca, candomblecista)

A exigência contínua para que as mulheres provem sua capacidade e ocupem seu espaço é uma injustiça que infelizmente persiste no meio cultural do Hip-Hop. É lamentável que mesmo quando as mulheres conseguem fazer parte dessa cultura, elas não sejam valorizadas simplesmente por estarem presentes e produzindo. Elas precisam constantemente reafirmar suas habilidades, demonstrar domínio em determinados elementos e se esforçar muito mais do que os homens para serem reconhecidas, mesmo que muitas vezes esse reconhecimento não seja alcançado.

O Hip-Hop, como um movimento de expressão artística e cultural, tem o potencial de desafiar estereótipos e promover a igualdade de gênero. No entanto, é necessário que haja uma maior conscientização e abertura de diálogo em relação à representação das mulheres. É essencial que a estética e a sexualidade feminina sejam abordadas de forma respeitosa e inclusiva, para que as artistas possam se sentir acolhidas e valorizadas em seu ambiente profissional. Ao reconhecer a importância da vida pessoal das mulheres e respeitar suas escolhas, o Hip-Hop se torna um espaço mais inclusivo e progressista.

### **3. A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO HIP-HOP**

A ênfase deste trabalho é a importância da presença feminina na cultura Hip-Hop e como as mulheres têm evoluído e se destacado em relação aos homens nesse cenário. Ao longo dos anos, as artistas femininas têm mostrado que são igualmente capazes de influenciar e contribuir para o movimento Hip-Hop, trazendo novas perspectivas e narrativas importantes. É fundamental promover a valorização e inclusão das mulheres nesse meio, reconhecendo seu papel essencial na cultura e garantindo que elas tenham as mesmas oportunidades e visibilidade que os homens.

Durante a entrevista, o quinto entrevistado expressou sua percepção sobre a importância da mulher no movimento Hip-Hop e o diferencial positivo que elas trazem para esses espaços:

Quando envolve a batalha, que é a batalha do canhão que acontece aqui em Cachoeira, estão três meninas na frente e eu de gaiato no bonde, mas eu percebo que a batalha é que é mais organizada, então a importância de ter as minas é isso, porque as meninas acabam



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

tendo uma desenvoltura que a gente não tem, tem uma visão mais ampla. (HIP HOPPER 5, masculino, 30 anos, negro, sem religião)

O entrevistado também comentou sobre a discrepância entre homens e mulheres quando se trata da organização em eventos e acomodação. Segundo ele, alguns homens parecem menos preocupados e até mesmo despreocupados com a questão da acomodação, confiando em soluções improvisadas e em recursos de última hora. Em contraste, as mulheres mostram uma postura mais estratégica e organizada, planejando antecipadamente e buscando locais adequados para se hospedar. Essa diferença revela uma maior responsabilidade e cuidado das mulheres na hora de garantir uma experiência tranquila e segura durante o evento, diante disso, “A importância das minas é essa, organização, a capacidade de pensar uns bagulhos que nós homens não pensamos.” (HIP HOPPER 5, masculino, 30 anos, negro, sem religião)

A partir das análises feitas, é possível deduzir que as mulheres no Hip-Hop se sobressaem em termos de organização, coordenação e planejamento. Elas demonstram um caráter intelectual notável nessas áreas, enquanto algumas vezes os homens podem não apresentar a mesma dedicação. Essa constatação só reforça a extrema importância da presença das mulheres nesse movimento. Sua capacidade de pensar estrategicamente e se organizar contribui de maneira fundamental para o crescimento e fortalecimento do Hip-Hop, em razão disso, o terceiro entrevistado diz que a presença das mulheres vem para “Ampliar a visão, ampliar os debates o que tá sendo falado também, as meninas vêm pra ampliar as questões de várias questões que as vezes a gente não presta atenção também.” (HIP HOPPER 3, masculino, 30 anos, negro, candomblecista)

Na mesma linha de pensamento, o quarto entrevistado destaca a importância fundamental das mulheres nos espaços do Hip-Hop, afirmando que a sociedade não é um lugar exclusivo para os homens:

Eu tô falando movimento sociais não só no sentido militante, mas sim em qualquer movimentação social, se você não tem essa voz, essa percepção feminina, vai ser um movimento capenga deslocado, porque a sociedade não foi só pensada só por homens ou para homens, então tem essas mulheres nesses aspectos e entender outras necessidades tá ligado, que o Hip-Hop se diz preocupado em entender. (HIP HOPPER 4, masculino, 28 anos, negro, candomblecista)

Com base no potencial de liderança que as mulheres demonstram, a cena do Hip-Hop tem todas as condições para continuar evoluindo. É por isso que abrir espaços para o público feminino é tão importante, de modo a tornar o Hip-Hop um ambiente acolhedor e com um enorme potencial.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A sétima entrevistada compartilha a mesma ideia discutida pelos entrevistados anteriores, destacando a necessidade de proporcionar igualdade de oportunidades e representatividade para as mulheres no Hip-Hop:

É justamente isso de ocupar e também de representatividade, não só provar que é capaz, mas estar ali e produzir também, tanto de igual pra igual, mas também a importância de trazer outras questões que as vezes os olhos masculinos não veem. Então é importante ter essa diferença, que é a diferença desses dois polos, masculinos, femininos e todos os outros que existem, pode ser sexual, pode ser de gênero, pode ser racial, é importante que tenha esses lugares pra cada uma. (HIP HOPPER 7, feminino, 29 anos, branca, candomblecista)

No cenário do Hip-Hop, é crucial fortalecer a presença e incentivar a participação das mulheres. Elas trazem um diferencial único para a cultura, e é lamentável que o número de mulheres nesses espaços seja tão reduzido. É essencial que mais mulheres sejam encorajadas a entrar nessa cena, servindo de inspiração e referência para as futuras gerações. Somente assim o Hip-Hop poderá promover uma maior igualdade de gênero, reciprocidade e respeito. De acordo com a oitava entrevistada:

Pra mim eu acho que é o fato de você ser uma representatividade, se eu estou nesse espaço hoje, eu consigo abrir caminhos pra outras que vão vir, quando eu comecei, na época só tinha eu dançando no Hip-Hop na cidade, hoje vejo muitas pessoas dentro do município e meninas que se espelham e que querem dançar, então se torna uma representatividade servindo de referência dentro dessa cultura, eu acho que é uma das coisas que pra mim é essencial. (HIP HOPPER 8, feminino, 30 anos, negra, candomblecista)

A entrevistada reitera a importância de difundir a mensagem de que as mulheres podem ocupar e prosperar nos espaços culturais do Hip-Hop. Ela enfatiza que as mulheres têm o poder de promover transformações nesse cenário e que sua identidade de gênero não as torna menos valiosas ou as impede de se destacar e contribuir artisticamente. É necessário combater os estereótipos de gênero e reforçar o potencial e a relevância das mulheres no Hip-Hop, incentivando-as a continuar produzindo e deixando sua marca.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos iniciais deste trabalho foram alcançados mediante a investigação proposta. Foi possível compreender a importância da presença feminina no Hip-Hop, ao mesmo tempo em

que se evidenciaram as desigualdades enfrentadas pelas mulheres no processo de inserção e atuação nessa cultura.

Frente às questões abordadas, o Hip-Hop se destaca como uma forma de inserção e empoderamento para as mulheres, representando uma poderosa expressão de resistência. Essa cultura oferece um espaço de expressão onde as mulheres podem encontrar sua voz, enfrentar as adversidades e redefinir seu lugar na sociedade, representando uma luta por emancipação e igualdade de gênero. Assim, foi possível compreender as questões que elas enfrentam cotidianamente, como preconceitos e discriminações e desigualdades.

Ao concluir e analisar as entrevistas na cidade de Cachoeira-Ba, foi possível observar que todos(as) entrevistados(as) compartilham a visão de que as mulheres têm a capacidade de transformar o movimento Hip-Hop, ressaltando a importância das contribuições positivas que o público feminino traz para esse cenário. Acreditam também, que as mulheres têm uma perspectiva única e valiosa para oferecer, enriquecendo a cultura Hip-Hop com suas vozes, experiências e narrativas. O que reforça ainda mais a importância de promover a igualdade de gênero e incentivar a participação ativa das mulheres nesse movimento cultural.

Ao dialogar com os entrevistados sobre a representatividade feminina no Hip-Hop, foi evidente a importância desse aspecto para a cultura. Muitos destacaram como se sentem encorajados ao ver mulheres atuando e se destacando nesse cenário, pois isso quebra estereótipos de gênero e promove a equidade. Além disso, a presença feminina no Hip-Hop traz novas perspectivas e abordagens para as letras e ritmos, enriquecendo ainda mais a música e a arte como um todo. Essa representatividade tem o poder de inspirar outras mulheres a se lançarem no universo do Hip-Hop e mostrar seu talento, contribuindo para um cenário mais diversos e inclusivo.

Apesar de haver um debate cada vez mais presente sobre a importância da presença feminina nos espaços culturais, incluindo o Hip-Hop, os números nos mostram que a desigualdade de gênero ainda persiste na sociedade. Essa contradição entre o discurso e a realidade reflete a necessidade contínua de combater o machismo e promover uma maior igualdade na cultura e na sociedade como um todo. É crucial que as palestras e discussões sejam seguidas por ações efetivas para garantir a participação equitativa das mulheres nesse movimento cultural.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

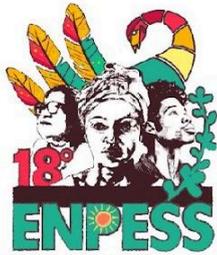
Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

É de grande relevância oferecer mais oportunidades para as mulheres no movimento Hip-Hop e em todas as esferas da sociedade. O diálogo sobre a importância da representatividade feminina é fundamental, mas é necessário ir além disso. É preciso agir e reivindicar os direitos que garantem a participação plena das mulheres nesses espaços, dessa forma, elas poderão se apropriar desses lugares e se tornarem referências inspiradoras para outras pessoas. É hora de sair do debate e focar na concretização da representatividade feminina, garantindo que as mulheres tenham igualdade de oportunidades, visibilidade e poder de influência.

Durante a pesquisa realizada sobre a autonomia e conquistas das mulheres no Hip-Hop, levantou-se a hipótese de que elas estariam, de fato, ganhando cada vez mais espaço e autonomia nesse espaço cultural. Ao analisar os resultados das entrevistas, percebeu-se que essa hipótese foi confirmada. Os(as) entrevistados(as) trouxeram dados e argumentações importantes que comprovam e respondem aos questionamentos levantados pela pesquisa. Os relatos evidenciaram que as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço no universo do Hip-Hop, superando barreiras e alcançando independência em suas carreiras.

Entretanto, essa ascensão não anula as dificuldades enfrentadas por elas dentro da cultura, pois ainda precisam lidar com uma dupla jornada. Muitas vezes, é necessário que trabalhem em outras áreas, fora do Hip-Hop, para garantir sua subsistência, uma vez que o mercado musical e a cultura em si ainda não proporcionam renda suficiente para sua sobrevivência. Fica a reflexão sobre o quanto avançamos e o quanto ainda há para ser percorrido dentro deste universo artístico repleto de contradições. Um mundo onde as mulheres lutam diariamente não só pelo direito de dominar suas autonomias dentro da cultura, mas também de dominar suas próprias vidas.

O debate aqui apresentado, possui grande relevância no campo do Serviço Social, pois destaca a importância da presença feminina no Hip-Hop em um contexto de luta pela emancipação feminina e garantia de direitos sociais, evidenciando as desigualdades sócio-históricas enfrentadas por mulheres existentes nesta cultura. Neste sentido, a representatividade feminina no movimento Hip-Hop vai em direção a desmistificação de estereótipos de gênero, promovendo a equidade e fortalecendo a música e a arte de forma geral. Assim, é crucial que o diálogo sobre a inclusão das mulheres no Hip-Hop seja seguido por ações concretas que garantam oportunidades objetivas e promovam a valorização e intensificação da presença feminina no Hip-Hop.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## REFERÊNCIAS

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop**: cultura e política no contexto paulistano. 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GUIA DO TURISMO BRASIL. **Cachoeira é considerada Patrimônio Nacional por preservar arquitetura da época colonial e barrocos.** Disponível em: <<https://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/BA/255/cachoeira>> Acesso em: 04/07/2023

MENEZES, Jaileila de A. et al. **Entre fronteiras e trincheiras**: conflitos políticos e antagonismo de gênero no movimento hip hop. Revista Ártemis, v. 20, 2015.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. **As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher**. Revista Thesis Juris, 2020.



**Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

**Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social**